

O MICROCOSMO DAS RAVES PSICODÉLICAS

Ana Flávia Nogueira Nascimento

Nas últimas décadas do século XX um novo movimento musical conhecido como “Trance Global *Psychedelic Culture*”¹ espalhou-se pelo mundo através de uma união “mística” entre a música, a dança, a natureza, e as substâncias psicodélicas. Foi em meados de 1993 que o estilo musical alternativo conhecido como *trance*² encontrou a psicodelia no balneário alternativo de Goa, na Índia, que desde os anos 60 é a “Meca” de *hippies*, viajantes e *freaks*. Com sua natureza paradisíaca, fartura de LSD e Haxixe, misticismo hindu e tradição hippie-psicodélica, o local tornou-se um grande atrativo para a cultura das *raves*³ que surgia principalmente na Alemanha e Inglaterra em um período histórico de transições. Dessa mistura característica da era planetária, uma união entre as mais novas tecnologias, e os mais antigos conhecimentos ancestrais acerca da música deu nascimento

¹ Cultura Global do Transe Psicodélico

² *Trance* significa transe. Como o próprio nome já diz, esse estilo musical estimula o estado de transe (estado alterado de consciência). Hoje o trance tem grande variedade de subgêneros. A primeira delas, o *full on*, caracteriza-se pela psicodelia forte dos sintetizadores e por uma grande oscilação entre momentos de euforia total e melodias bem trabalhadas. É um som que tem forte apelo dançante, é extrovertido e convidativo à expressão corporal da dança. Seus elementos vão entrando cada um em seu tempo, até que a música fica “cheia” e “explode”. A segunda vertente mais importante é o progressivo. Aqui a oscilação é deixada de lado, o som é mais constante e retilíneo. Os sintetizadores são mais sutis, sendo a batida e a linha do baixo o que interessam. É uma música mais introspectiva que busca equalizar as ondas do cérebro e, assim, chegar a um estado meditativo de dança. O interessante é que as linhas se completam. “Cada um tem seu momento dentro do ritual. A celebração psicodélica precisa tanto dos momentos de euforia, quanto dos *insights* meditativos após a energia trabalhada. Tudo no seu tempo e com harmonia.”

³ Rave é um estilo de festa que surgiu na Inglaterra no final dos anos 80, em seguida à política repressiva do governo Thatcher que implementou uma nova lei obrigando o fechamento dos clubes noturnos à meia noite. Os jovens ingleses que desejavam festejar começaram a organizar por eles mesmos eventos “ilegais” fora do circuito tradicional do mundo da noite. Esses encontros passaram a acontecer geralmente em lugares mais afastados da cidade, na natureza. Esse foi um período em que a música eletrônica (*acid house*, *techno*) surgia e se disseminava associada com o surgimento de novas drogas (ecstasy). “Uma nova música, uma nova droga e enfim uma nova maneira de fazer festas: rapidamente as *raves* se multiplicaram” (CHAMBON, Julien. *Réflexions Anthropologique sur le raves de São Paulo*. Lyon, *Mémoire de maîtrise dirigé par F. Laplantine*, dactilo., 2001; pg. 15)

ao *Psychedelic Trance* – Transe Psicodélico - que desde então vem ultrapassando todas as fronteiras até se tornar no século XXI um fenômeno global.

O movimento global do transe psicodélico está associado ao uso de “psicodélicos”, substâncias que tem como características físicoquímicas a baixa toxicidade e a dose mínima necessária é baixíssima, quase não produzem efeito fisiológico, exceto uma certa midríase (aumento da pupila) e taquicardia. A natureza fundamental de seu efeito é psíquica, esfera que sofre uma ação impactante dessas substâncias, que são basicamente as seguintes: a *cannabis*, o LSD⁴, a mescalina⁵, a psilocibina⁶ (cogumelos mágicos), a DMT⁷, a ayahuasca⁸ e também as anfetaminas psicodélicas, como o *Ecstasy*⁹ (MDMA), das quais existem ao menos algumas centenas de análogas. No entanto, nas festas e festivais de transe psicodélico tenho observado também o uso de substâncias excitantes, como cocaína e ketamina, e também de inebriantes como o álcool e inalantes como o lança-perfume.

No Brasil as festas e os festivais de transe psicodélico atraem cada vez mais adeptos e o uso de substâncias psicoativas torna-se conseqüentemente mais elevado. Tal característica vem atraindo os órgãos governamentais de combate às “drogas”, que em associação com a mídia televisiva tem gerado um esquema forte de repressão a esse estilo

⁴ LSD: a substância é o tartarato de d-dietilamida do ácido lisérgico, criada acidentalmente num laboratório suíço em 1943 por Hofmann. Tal substância foi descoberta como possuidora de profundas propriedades psicoquímicas, tendo sido muito utilizada em sérios experimentos no campo de sanidade mental.

⁵ Mescalina é um derivado sintetizado do Peiote (*Lophophora Williamsii* – é um pequeno cactus que cresce no México e no sudeste dos EUA. É um alucinógeno que produz mudanças significativas nas percepções físicas e visuais. Foi isolada pelo químico alemão Arthur Heffter em 1897 e sintetizada por Ernst Spath, em 1919.)

⁶ Cogumelos Mágicos (*Psilocybin*): existem dúzias de espécies de psilocybin pertencentes principalmente aos gêneros *psilocybe*, *panaeolus*, *copelandia*. Os efeitos de sua ingestão se assemelham a uma experiência com LSD. Produz mudanças significativas nas percepções físicas e visuais.

⁷ DMT (N, N – dimethyltryptamine): Da família das triptaminas que causam intensas visões e fortes efeitos mentais psicodélicos quando fumado, injetado ou cheirado.

⁸ Ayahuasca é um chá extraído através do cozimento de plantas da região amazônica. Ambas são extraídas de trepadeiras da selva (o iajé da *Haemadictyon amazenicum*, e o caapi, da *Banisteiria caapi*).

⁹ Ecstasy: (MDMA) é uma anfetamina psicodélica que ganhou popularidade nos últimos 20 anos por causa dos efeitos de empatia e conexão com os outros. É conhecida como a “droga do amor”, e foi criada pelo químico e farmacologista Alexander Shulgin. Seu uso também foi amplamente difundido por terapeutas no contexto de psicoterapias experimentais até ser proibida em 1986.

específico de festas. Desde o início do ano de 2005 muitas festas em todo o Brasil foram invadidas pela polícia, que acompanhada da mídia registrou suas apreensões e televisionou para a massa brasileira um festival de distorções fantásticas sobre o universo das *raves*, que vieram a se tornar o grande “demônio da vez”.

No último grande festival que aconteceu no país, em julho deste ano – *Trancendence 2005/Alto Paraíso/Chapada dos Veadeiros* - em uma fazenda particular de natureza exuberante, o clima estava tenso e foi possível observar a “violência” do “poder de repressão” da lei diante do pacifismo dos que buscam o direito de livre-disposição do corpo e de autonomia sobre si próprio. Quase quatrocentas pessoas foram presas e levadas para um hotel onde tiveram que assinar uma liminar e pagar uma fiança para serem liberadas; muitas dessas pessoas retornaram para o festival e entraram novamente na dança e no transe coletivo.

Agora observem: por que tanta repressão ao fenômeno das *raves*? Em todo o Brasil quem frequenta *rave* agora é tachado de drogado, viciado, *hippie*, vagabundo....e assim vai. Mas o que está implícito nessa manifestação social que envolve música eletrônica, dança, e substâncias psicoativas, que está ameaçando tanto a sociedade atual?

Para Regina (44 anos), moradora de Alto Paraíso: “Eu vejo que não só a *Trancendence*, mas as *raves* que acontecem no Brasil estão refletindo um período de mudanças muito grande. Porque nos anos 60 e 70 foi o *Woodstok*, que para a nossa geração representou um rompimento e uma quebra de paradigmas. Agora as *raves* são na verdade o *Woodstok* eletrônico com uma nova cara, mas espelhando uma situação semelhante, de mudanças planetárias. Elas chegam como uma coisa agressiva, mas expressam um movimento natural do que é a vida. Então, vem mesmo para fazer um rompimento grande e coletivo, uma catarse coletiva. A nossa geração rompeu com uma cultura, de educação, de valores; e agora os nossos filhos estão rompendo de novo e fazendo suas próprias descobertas. Assim, nós rompemos e ficamos sem referência, e agora vem a nova geração fazendo um rompimento e dizendo: ‘nós queremos romper’, mas

também eles estão meio perdidos (...). Na verdade eu sinto que a nova geração é mais determinada e mais preparada, e o que virá por aí, só o tempo vai dizer para gente. Que movimento foi esse? Daqui a vinte anos nós vamos estar comentando. ‘você lembra do *woodstok* eletrônico?’, aí daqui a dez, vinte anos, lá já vai ter outras coisas. Então, eu acho que isso faz parte da própria evolução do planeta enquanto parte da natureza e ao mesmo tempo como grande predador da natureza.”¹⁰

Que valores sociais são esses que o movimento está rompendo? A sociedade ocidental tem estado imersa na dualidade cartesiana já há algum tempo, o que gerou um mecanismo em que se projeta exteriormente o mundo subjetivo, principalmente os conteúdos reprimidos pela moral cristã. Sendo assim, uma sociedade que tem como base a razão e o exercício mental, o corpo e os sentimentos tornaram-se apenas mercadoria de consumo. Já nas festas de música eletrônica, a música e a dança trabalham o corpo e os sentimentos, permitindo que os jovens libertem os conteúdos que estão por demais reprimidos. Mas no contexto de “medo” em que vivemos atualmente, o diferente é visto como “invasões bárbaras”, pois na verdade existe no “novo”, uma contestação aos padrões sociais e à família, que muitas vezes segue este modelo racionalista e preconceituoso.

A sociedade ocidental, com suas bases filosófico-sociais baseadas no modelo newtoniano cartesiano do “penso, logo existo”, nos coloca na seguinte situação: “se não penso, sinto....então? Não existo?”. Nossa sociedade é permeada por esse pensamento, e como sabemos, o pensamento cria sua realidade e também sua experiência. Ou seja, você vê fora apenas o que você tem dentro. Por exemplo, se você tem medo, e vê alguém correndo em sua direção, vai perceber alguém te atacando, mas por outro lado, se você tomou MDMA (e está carregado interiormente de um amor obtido artificialmente) você vê um doidão correndo em sua direção, e no mínimo vai pensar: “que doidão”, mas não vai

¹⁰ Entrevista realizada em Alto Paraíso – Julho de 2005, Regina é moradora da cidade há dez anos, onde administra uma Pousada que recebe muitos turistas na época do Festival *Transcendence*.

sentir medo. O medo é o caminho do lado negro que está sendo disseminado em nossa sociedade, o que reflete a falta de luz, de informação. E em longo prazo, uma sociedade de medo cria uma casca (ego) que começa a separar o mundo interno do externo, e esta defesa gera uma necessidade incrível de poder e controle.

Agora observem que o discurso sensacionalista de “guerra às drogas” coloca as substâncias psicodélicas como expressões do mal, que têm a sua existência no lado sombrio do espírito humano. A faixa obscura da comunidade planetária inconsciente representa as normas formativas de estruturas dos antigos domínios tradicionais que combatem o novo por meio da proibição e da repressão, em um tom de ênfase midiática que projeta a sombra para fora, como uma “inimiga odiosa”, ignorando nossa capacidade interior para o mal. Preferem reprimir a compreender o diferente...

Se o mal não é uma condição, uma atitude ou um ser em separado, mas uma sombra ligada ao processo de surgimento de formas distintas de luz (exatamente como a “morte” é a sombra no processo de surgimento de indivíduos distintos na evolução das células), então, não se pode “combater o mal”, num conflito simplista contra as atitudes, ou seres. Deve-se transformar a estrutura da consciência e não simplesmente movimentar seu conteúdo em várias direções opostas. Pois, quando a estrutura da consciência é observada nos estados “ampliados de consciência”, e não meramente o seu conteúdo, torna-se possível perceber a origem co-dependente do bem e do mal e pode então começar a sentir como todos os seres sensíveis compartilham das mesmas coisas no tempo. Nestes estados místicos tem-se o potencial para superar a dualidade, chegar ao Nirvana, nem que seja por algumas horas.

Tomando esses aspectos, podemos agora visualizar os Festivais Psicodélicos como manifestações sociais que geram estados ampliados de consciência através da integração entre múltiplos elementos que fazem vibrar no ser de cada um sua própria frequência

interior. Há um contato, muitas vezes pela primeira vez, com seu guia interior, sua intuição. Como se trata de uma manifestação que foge às “regras” e “normas” sociais, pois possibilita que longe da vida cotidiana do trabalho, da ordem e da lei, as pessoas entrem em contato com experiências únicas e profundas, as festas e festivais de transe psicodélico estão sendo reprimidas. Mas esse “mal” que a sociedade projeta nas *raves* não passa de um reflexo do medo do que é novo, diferente, e que traz em si uma expressão de rebeldia, e transgressão frente à “ordem” social vigente.

Nossa sociedade é regida por quatro instâncias de controle de frequência que tentam controlar o que nós seres humanos podemos ou não pensar, sentir e experimentar: Governo, Religião, Mundo Financeiro, e Mídia (quarto poder). O governo dita as leis. A religião dita como você vai ter contato com o mundo espiritual, e também regulam o sexo, uma das maneiras de entrar em contato com o corpo e os sentimentos, e além disso gera uma cultura da culpa e do reprimido. Já o mundo das finanças diz: “tempo é dinheiro”, usando sua energia como uma máquina para dar lucro a uma estrutura que permite que de tempos em tempos você tire férias consumindo. E para finalizar, temos a mídia, que é o plano de marketing destas três instancias, que associam comportamentos a sentimentos para gerar cada vez mais medo, e mais consumo.

A mídia padrão atual só consegue passar para a sociedade o lado ruim das festas eletrônicas: drogas, exageros, etc. A mídia nem ao menos suporta reflexões sobre o tema, esquecendo-se que na forma socialmente aceita de extravasar, utiliza-se o álcool, os cigarros e outras músicas, mas estas geram impostos, enquanto as substâncias utilizadas nas *raves* são proibidas, pois contribuem para um mercado internacional de tráfico que movimenta uma economia gigantesca que alimenta o poder de importantes ditadores do mundo contemporâneo que agradam em manipular o medo.

Na mídia pouco se fala das milhares de mortes causadas por acidentes de carro decorrentes do uso abusivo do álcool; é muito mais fácil culpar o diferente pelos sentimentos de medo e impotência. Novamente pontuo, que o que não aceitamos dentro de nós, reprimimos no outro. Mas será porque nossas famílias apenas dão risadas após as festas de casamento em que os familiares e os amigos dão vexame de tanto beber, vomitam e ainda batem o carro na hora de ir embora? Tudo isso reflete o que é aceito em nossa cultura ocidental, que busca controlar o que se pode ou não fazer. Como se pode observar, a mídia atua como “ditadura implícita” que busca controlar a mente e o comportamento de nossa população.

Tudo o que foi dito até agora mostrou os reflexos de nossa cultura ocidental. Cabe agora colocar o fenômeno das festas e festivais de música eletrônica numa perspectiva mais global e espiritual. A música sempre foi usada em tradições ancestrais como um modo de acessar o divino, assim como também a dança e o uso de substâncias que alteram a consciência. É certo que antigamente o contexto ritual demarcava uma estrutura para tal, que delimitavam tais experiências como sagradas. Mas como a necessidade de controle da Igreja Católica, muitos desses rituais foram tidos como paganismo, e foram conseqüentemente reprimidos por muito tempo.

A estrutura que está sendo formada em torno da cultura global do transe psicodélico, que enfrenta atualmente muitas perseguições e repressões, reflete a necessidade que os jovens possuem de exercer o livre arbítrio de fazer com o corpo, a mente e o espírito o que bem entenderem, sem precisarem se submeter às ordens externas. Esse fenômeno global deixa explícito que o reprimido sempre volta. E numa sociedade que teve o corpo e a consciência reprimidos por muito tempo, o “surto” agora são as *raves* e seus freqüentadores. E haja repressão para abafar toda a força contida no interior desses

novos seres que não agüentam mais serem vítimas de preconceito e repressão. Mas repressão contra o que? Voltar a sentir, expressar, quebrar barreiras? Pelo jeito, quebrar as estruturas de consciência, pois o mundo material reflete o espiritual. E mudando-se a consciência, muda-se conseqüentemente a estrutura social.

Sendo assim, a cultura *rave* pode ser vista como um microcosmo de como nossa sociedade integra o novo e o diferente. Subjetivamente, esse fenômeno explicita, como os medos são combatidos pelos mecanismos de defesa egóicos e repressores. Como em qualquer universo, nas *raves* há os aspectos sombrios (sem informação) e os iluminados (com informação). Se fosse uma empresa, a cultura *rave* teria como regra número um no manual de organização a seguinte missão: PLUR¹¹ (Paz, Amor, União e Respeito). Mas como em qualquer empresa há os funcionários que vestem a camisa e outros alienados que não respeitam as regras. O que mostra que tudo na vida depende da intenção de cada um.

Quando a mídia potencializa o *ecstasy* como o grande demônio do momento, e destaca uma minoria de mortes causadas pelos exageros, ou mesmo pelas misturas da substância com o álcool, esquece de questionar: porque o abuso? Isso ninguém comenta. Enquanto o álcool é aceito como uma válvula de escape social, a mídia não explicita quanto escape está sendo feito pelos índices de alcoolismo. E escape de que? De si mesmo? Por outro lado, quando a questão são as *raves*, o *ecstasy* e os cogumelos....socorro, esse é o mal do momento.

Os exageros refletem que as pessoas estão fugindo de si mesmas ou procurando em si algo negado socialmente, como sentir amor à marra por exemplo, uma necessidade que está exposta nos altos índices de consumo de *ecstasy* em todo o mundo. Se as relações fossem menos consumistas, e houvesse mais espaço para o sentir, para expressar o mundo

¹¹ Peace, Love, Union, Respect

subjetivo, talvez não houvesse tantos exageros. Quando o mundo interno está aberto, e a intenção é a de se conectar conscientemente com o próprio deus interno, tudo muda radicalmente. Tenho observado através da pesquisa com os frequentadores dos festivais de transe psicodélico, que quando pergunto para as pessoas que já tiveram experiências deste tipo, de abertura total, de amor sem limites, sensações divinas, contatos e orgasmos cósmicos, o que foi que as levaram a frequentar esses encontros? A primeira resposta é um suspiro *reichiano* daqueles, longos e profundos, pois o corpo fala muito mais do que as palavras, que muitas vezes são vazias.

Muitos dos frequentadores respondem que apenas na frequência elevada das festas é possível sentir realmente a energia superior de comunhão. Isto bate de frente com uma sociedade racional de palavras e exercícios mentais, onde não se pode experimentar sem limites de espaço e tempo, pois tudo está sendo rotulado para ser vendido; até mesmo os seres humanos. Em contrapartida, nas festas e festivais de transe psicodélico as pessoas se integram na vibração, e deixam que o corpo inteiro vibre para sentir, ao invés de ficar pensando com a cabeça e criando mil teorias e conspirações. Vá a uma *rave* e sinta. O que impede é o ego, esta casca que limita o sentir, de contemplar o belo contido no simples. Portanto, para ter tais experiências extáticas é preciso muitas vezes limpar antes muitas camadas de repressões.

Em *raves* procura-se aceitar o diferente: seja através das roupas, das tatuagens, dos *piercings*, da arte, das substâncias que usam; ou seja, nesses encontros cada um é responsável pela sua própria viagem. No budismo diz-se: todo caminho é um caminho. Mas tudo o que vem de fora como autoridade que delimita um caminho gera repressão que conseqüentemente gera explosão. Como vejo, esse fenômeno social global mostra que nas raves o uso de psicodélicos leva a caminhos internos que possibilitam uma abertura para

que cada um siga o seu próprio guia interno (não que não haja perigos, eles sempre existem em qualquer caminho). Mas a grande questão social torna-se a seguinte: como controlar aqueles que aprendem a seguir a própria intuição e o próprio guia interno?

Tudo o que expressamos reflete nosso interior. Se não aceitamos muitas coisas de fora, provavelmente não lidamos muito bem com o nosso interior. Na luz branca há todas as cores, que convivem harmoniosamente com todos os seus espectros, enquanto na luz ofuscada do medo, nenhuma cor diferente é aceita, pois a escuridão governa.

Nesse Universo em que as pessoas projetam no mundo exterior a própria sombra, a grande massa acredita que as guerras são travadas por razões econômicas, e que as “drogas” são proibidas pois são o “demônio”, e como são usadas nas *raves*, essas também devem ser banidas. Mas em nossa sociedade contemporânea, poucos são os que conseguem ir além das limitações do ego, para perceber que as causas dessas divergências estão centradas em termos de mitologias, arquétipos e visões de mundo que apenas podem ser unificadas em um plano simbólico.

A palavra símbolo vem do grego *sym-bolos*, que significa reunir ou juntar. Essa palavra tem um antônimo muito interessante, *dia-bolos*, que significa afastar ou separar. De acordo com Jung, quando o intelecto não presta serviço à vida simbólica, é um inferno, pois a neurose toma conta do cotidiano à medida que a pessoa se identifica demais com o próprio ego. Observe: em qual esfera vivemos simbolicamente em nossa sociedade atual? Provavelmente a resposta será: principalmente na mídia e na publicidade, que utiliza os símbolos para manipular e vender cada vez mais produtos.

Não temos vida simbólica. Onde vivemos simbolicamente? Em parte alguma, exceto quando participamos do ritual da vida. Mas quem se permite participar de fato do ritual? Bem poucos. A maioria não tem a mínima noção de que a vida simbólica pode

expressar a necessidade da alma, e como não tem algo assim, as pessoas não podem sair da esfera da sua própria experiência – essa vida terrível, opressiva, banal, em que não são “nada”; apenas razão e papéis sociais – que não atingem a experiência simbólica de desempenhar um papel como ator do divino drama da existência. Sendo assim, não espanta o fato de as *raves* – universos simbólicos – serem reprimidas em nossa sociedade.

O Mundo Encantado das *raves psicodélicas*

Há diversas formas de abordar o mundo simbólico das *raves psicodélicas*. Uma delas pode ser pelo nome de seus festivais: *Universo Paralelo*¹², *Solaris, Transformation*¹³, *Transcendence*¹⁴, *Cachoeira Alta, Tribe, Experience, Earth Dance (...)*. Estes nomes, estruturas, revelam um conteúdo, respectivamente: viver em um mundo novo, num outro sistema regido de acordo com os planetas, transformação, transcendência, natureza, comunidades tribais, experiência, O planeta Terra Dançando (Nós somos um).

Todos os festivais têm em comum uma transição de um modo de viver a outro; de um modelo mecânico, artificial, a outro mais integrado e natural, que está desperto para as sincronicidades da vida. A teoria da sincronicidade de Jung nos mostra que a causalidade que fundamenta a nossa descrição do mundo, reduz todas as coisas a processos individuais que tentamos meticulosamente isolar de todos os outros processos paralelos. Esta tendência é absolutamente necessária se desejamos obter um conhecimento fidedigno do mundo; mas, em termos filosóficos, tem a desvantagem de fragmentar ou obscurecer, o inter-

¹² www.universoparalello.art.br

¹³ www.tranceformation.com.br

¹⁴ www.trancendence.com.br

relacionamento universal dos acontecimentos, dificultando cada vez mais o reconhecimento de um relacionamento maior de unidade do mundo. Entretanto, tudo o que acontece, acontece no mesmo “mundo” e é parte dele. Por essa razão, os eventos devem ter um aspecto à priori de Unidade.

Se fossemos olhar esse mundo psicodélico atual de forma fragmentada, através da análise de suas estruturas isoladas, os ingredientes do bolo chamado *rave psicodélica* seriam: música eletrônica, dança (expressão corporal), malabares, artes circenses, rituais, fogueiras, *chai shops*: lanchonete com chás e guloseimas, atividades e vivências: *yoga*, *tai chi*, meditação grupal, ambulatório de *Reiki*, massagem, oficinas de artes plásticas; espaço para as crianças brincarem, fazerem arte e descansarem; conferências para a troca de idéias, feiras de troca, educação ambiental, programa de redução de danos, Calendário Maia (13 luas), pontos de vendas de roupas psicodélicas, indianas, cristais, colares; praça de alimentação com produtos dos mais variados, desde churrasco a comida natural (lembrando que é um espaço que agrega os mais diferentes grupos). E também há muita decoração, arte e beleza para a contemplação de todos.

O *flyer ou folder* de divulgação dos festivais também reflete este universo. A grande maioria tem uma arte psicodélica, exaltando a qualidade do som, da decoração e da natureza. Muitas vezes é possível ver escrito: Lua Cheia, em exaltação! No Festival *Universo Paralelo* que aconteceu no *reveillon* de 2004, quando a lua cheia nasceu sob o mar, os espectadores (que estavam ali ao som apenas de tambores) bateram palmas e era possível ver lágrimas de emoção em suas faces.

Na astrologia a Lua não tem somente uma manifestação masculina como centro do mundo espiritual da consciência matriarcal; ela tem também uma manifestação feminina como a forma mais elevada do espírito ou *Self* feminino, como *Sophia*, sabedoria. Trata-se

de uma sabedoria associada com a unidade indissolúvel e paradoxal da vida e da morte, da natureza e do espírito, das leis do tempo e do destino, do crescimento, da morte e da superação da morte. Essa imagem da sabedoria feminina não é compatível com um código legal não abstrato, segundo o qual estrelas ou átomos mortos circulam no espaço vazio; é uma sabedoria que está e permanece presa a Terra, ao crescimento orgânico e à experiência ancestral. É a sabedoria do inconsciente, dos instintos, da vida e do relacionamento.

O ingrediente principal que une este público muito heterogêneo das *raves* psicodélicas é a música. Partimos do ponto de vista que tudo neste Universo é vibração. Até a matéria é vibração que tem uma frequência bem densa, a luz condensada. A música, assim como a luz, são essências que tornam este conceito mais evidente. Para a ancestral cultura Maia, o arquétipo denominado rítmico tem algumas características interessantes. Sua essência é a igualdade. Seu poder, a organização; e sua forma de ação, o equilíbrio. Sendo assim, a música trás em si um ritmo próprio que trás igualdade aqueles que a escutam pois é o mediador comum: todos dançam a mesma musica; e o ambiente, é o pano de fundo vibracional. Porém, cada um se organiza com a vibração que pulsa em seus campos da sua maneira. Alguns dançam, outros fecham os olhos e viajam, alguns comentam... Mas, todas as formas de reação têm o potencial de equilibrar a pessoas se ela for capaz de se diluir e passar a vibrar na frequência da música.

Talvez, o problema que nos coloca a questão das *raves* em nossa sociedade contemporânea, esteja no modo de operação de consciência em que fomos programados. Apenas quando mudamos a nossa consciência é que os eventos exteriores começam a fazer sentido. Como exemplo: Paracelso utilizou o exterior para diagnosticar o interior. Ele não restringiu os planetas a uma existência vinculada apenas com a humanidade. Ele os percebia em toda a sua natureza, nos minerais, nas plantas, e em todos os níveis da criação

tangível e intangível. Na condição de materialista, tendo sido criado a partir de pontos de vistas materiais, tendemos a entender isso literalmente e a colocá-lo de lado como conversa fiada; mas, quando vemos o que ele estava tentando dizer em termos simbólicos, então podemos compreender esses “planetas” como símbolos dos processos universais. Um processo pode funcionar tanto no exterior como no interior, e na verdade revelar que eles são essencialmente uma só coisa.

É como se esses níveis de manifestação criadora fossem oitavas musicais. Embora representem a energia em níveis vibratórios diferentes, eles ressoam entre si em todos os níveis. Essa idéia foi expressa por Pitágoras, que relacionou os planetas a escalas musicais. A astrologia descreve uma lei de correspondência entre o mundo exterior visível e o mundo interior da psique. A nova física quântica e os místicos sugerem que o motivo disso é o fato de eles serem, na verdade, um só. A contribuição de Jung é muito significativa nesse aspecto: o mundo do ego (definido como centro da consciência) é o do dois. O ego tem de ser o que percebe o mundo espaço/tempo e da matéria, do masculino/feminino, das dualidades, da tensão dos opostos e dos mundos do paradoxo. Enquanto o ego vive uma vida quantitativa, os símbolos e os rituais nos unem a uma vida qualitativa e tem a capacidade de nos levar a dimensões que ultrapassam a esfera de tempo/espaço, abrindo assim a nossa **consciência coletiva**; que para Jung e Teilhard de Chardin, pode ser o propósito divino da espécie humana no esquema evolutivo do Universo.

A consciência, até agora, flutua como um barco de papel no vasto oceano do Inconsciente. O processo de individuação que nos leva à consciência coletiva requer que pesquemos. O símbolo é aquilo com que pescamos. Uma metade do símbolo é conhecida, pois está acima da superfície, na mente consciente, a outra metade está oculta no

desconhecido. O importante é pescar para si próprio, sem ficar andando em círculos e olhando o que o outro pescou.

Grof escreveu sobre as experiências com LSD na Tchecoslováquia que com o tempo, as pessoas que usavam LSD se ocupavam primeiro do conteúdo pessoal do Inconsciente, e então passavam para o que parecia ser lembranças de uma vida anterior, e por fim, chegavam ao nível do Inconsciente Coletivo ou Transpessoal. Desse modo, a sua obra parece ser um tipo de prova objetiva da teoria de Jung. Talvez muitas das substâncias psicodélicas ou “enteógenas” possibilitem um acesso potencial a toda a história arquivada nas próprias células de nosso ser. Se assim é, podemos agradecer ao ego por nos proteger do que está além do que talvez podemos suportar em qualquer dado momento. É como uma concha que transborda quando está cheia de mais.

É o ego que lida com a vida cotidiana vivida na “babilônia”. Mais uma vez, o conteúdo, a essência deste pode ser revelada pelo ícone, pelo arquétipo de seu nome: Babilônia, palavra que vem da Torre de Babel. Esta seria o exemplo maior da cisão entre os povos, quando todos vivem num espaço comum, tem a mesma essência potencial, mas não se comunicam, pois cada um fala uma língua diferente. Sendo assim, o oposto da música, que vibra em um tom rítmico comum.

A babilônia é um planeta inconsciente, apegado a palavra, ao sentido literal. É também o lugar da razão, do ego, da análise, e da separação. Pois, só através desta se pode comunicar. É o oposto do mundo das crianças, que com um ego ainda incipiente, se comunicam pelos sentimentos, não importando a língua que falam. O cimento que os une é outro, não palavras muitas vezes vazias, mas atitudes repletas de sentimentos.

Vale lembrar que o mundo mental tem por base o sentimental. Um símbolo universal associado às emoções é a água. Este também é universalmente associado ao reino

inconsciente. Ora, na sociedade do Penso, logo existo; o inexistente passa a ser as emoções.

Recapitulando: Se eu sinto, logo não existo?

Se o ego é a estrutura que lida com as “banalidades fatais” de cada dia. Com efeito, uma maneira de saber se uma pessoa se identifica demais com o ego é verificar se a sua definição de vida é “apenas uma maldita coisa após a outra”. Esses são os humanos reprimidos. São pura estrutura, ego. Tem convicções bem precisas de como “devem” levar a vida. Tem opiniões sobre tudo e todos. Terminam por colocar dentro de “gavetinhas” toda e qualquer experiência, rotulando-as. Mas sem nunca antes ter experienciado algo similar, terminam fazendo comparações do que é melhor, implicando que há um pior, ao invés de simplesmente diferente. No entanto, terminam sendo escravos da opinião alheia. Como muitos têm a mente dissociada das emoções, não sentem por si só o que se devem fazer interiormente. Ficam a mercê de opinião de grupo e das modas; empresas, governos e ideologias; de grupos nacionais e principalmente da família. Neste modelo, todos são passíveis de serem julgados, comparados e rotulados. Isto gera: stress, neurose, infelicidade, dependência do mundo externo material, pois norteiam suas vidas exteriormente buscando constante aprovação. Vale lembrar, que nem Jesus agradou a todos, e terminou crucificado.

Vale lembrar que todo conteúdo que vai ao inconsciente de forma reprimida, tente a voltar por meios tortuosos, o que pode explicar a hipocrisia de nossa sociedade. Publicamente todos são educados e perfeitos, mas não é a toa que o fenômeno das *raves* torna-se cada vez mais abrangente em todo o mundo, explicitando uma necessidade implícita que poucos querem aceitar, de colocar para fora os conteúdos reprimidos pela moral social hipócrita em que vivemos. Isto pode ser exemplificado pela quantidade de escândalos de pessoas publicas. Estas deveriam honrar e representar o mais alto padrão

ético social. Mas como nossa sociedade é artificial, pois reprime as emoções; quando estas retornam, escandalizam. O pior é que a grande maioria já sabe de tudo mas continua como se varrendo tudo para baixo do tapete. Sempre delegamos situações de poder para outros. Pois se estes falharem, a culpa não será nossa. Ou seja, numa sociedade inconsciente, o motor de normas e ações passa a ser o próprio material reprimido e sem luz. Sendo assim, nossa sociedade reprime suas emoções a tal ponto que, quando elas explodem, causam um *tsunami* por onde passam.

Eis uma clara e bela expressão. Quando o ego fica orgulhoso e nós nos identificamos apenas com ele, ele se torna outro *diabo*, e caminhamos para uma queda inevitável. Ouça a expressão “morte do ego”, e perceba, que o que tem que morrer não é o ego, mas a identificação com ele. E pelo que mostram as inúmeras experiências com substâncias psicodélicas, essas parecem dissolver tal identificação durante a experiência. Porque o ego tem de ser liberado pelo *self* que é refletido e transformado por um grande número de componentes arquetípicos universais. Apenas quando ego (receptivo) e *self* (criativo) abandonam a posição dualista de concorrência e procuram apresentar-se de maneira simultânea e complementar, é que o *self* encontra espaço para expressar-se na criação. Pode-se dizer que o ego é o melhor dos serviçais mas o pior dos patrões.

Como dizia Jung, se nós queremos encontrar o mundo do *self* (definido como o centro e a totalidade da psique) então temos de vê-lo através do Terceiro Olho (“que teus olhos sejam um”, disse Jesus) e o que veremos então é a Unidade. Foi-nos dito repetidas vezes que o único meio de se conhecer a Deus é “conhecer a si mesmo”. O *self* tem de viver no tempo chamado *illud tempus*, ou “era uma vez”, que é o tempo da sincronicidade. Se todos temos um *self* que vive, no Inconsciente, temos tudo, é apenas um inconveniente o

fato de o ego não saber disso. E por isso, talvez continuamos lutando, tornando as coisas cada vez mais difíceis para nós.

As *raves* psicodélicas, assim como muitas outras manifestações da Nova Era parecem tentar nos dizer a mesma coisa: que estão buscando descobrir Deus, não “exteriormente”, mas na verdadeira morada do Espírito, o Reino do céu da psique. Jesus até disse aos seus discípulos: “Sois Deuses”, e nos disse que buscássemos primeiro o reino dos céus, e que todo o mais seria acrescentado, ou seja, primeiro buscar o *self*, que equivale ao Cristo Interior, a consciência crística, o *Atman*, ou *self* transpessoal. Trata-se de um conceito espiritual, dificilmente aceito pelos “cientistas”, que em sua maioria apenas aceitam conceitos egoístas ou pessoais.

Na atualidade não existe qualquer ‘prova’ científica de que a dimensão espiritual não existe. A refutação de sua existência é essencialmente uma suposição metafísica da ciência ocidental baseada em uma aplicação incorreta de um paradigma desatualizado. O fato é que o estudo dos estados não-comuns de consciência, em geral, fornecem dados mais do que suficientes para sugerir que postular tais dimensões faz muito sentido.

Por exemplo, na terapia holotrófica, o efeito de alteração da consciência ocasionado pela respiração é combinado com música evocativa. Como a respiração, a música e outras formas de tecnologia sonora têm sido usadas por milênios como poderosas ferramentas em práticas espirituais. Desde tempos imemoriais, o monótono som de tambores, cânticos e outras técnicas de produção de êxtase têm sido as principais ferramentas de xamãs em diferentes partes do mundo. Muitas culturas pré-industriais desenvolveram, de maneira bastante independente, ritmos de tambores que em experimentos laboratoriais têm notáveis efeitos sobre a atividade elétrica do cérebro. Também, os arquivos de antropólogos

culturais contêm inumeráveis exemplos de extraordinariamente poderosos métodos indutores de transe que combinam música, cânticos e danças.

Como ressalta Grof (2000), em muitas culturas, a tecnologia sonora tem sido usada especificamente com propósitos curativos no contexto de intrincadas cerimônias. Os rituais de cura navajo, conduzidos por cantores treinados, têm uma complexidade assombrosa que já foi comparada às partituras de Wagner. A dança de transe dos Kung Bushmen, do deserto Kalahari na África, tem um enorme poder de cura, como já foi documentado em vários filmes e estudos antropológicos. O potencial de cura dos sincréticos rituais religiosos do Caribe e da América do Sul, como a santeria cubana ou a umbanda brasileira é conhecido nesses países por muitos profissionais que tiveram a tradicional formação ocidental.

Algumas importantes tradições religiosas desenvolveram tecnologias sonoras que não apenas induzem um estado de transe geral, mas têm efeitos específicos sobre a consciência. Os ensinamentos indianos, por exemplo, postulam uma conexão específica entre sons de frequências específicas e os diferentes *chakras*. Com o uso sistemático desse conhecimento, é possível influenciar o estado de consciência de forma previsível e desejável. A música '*psychedelic trance*' é composta com base em estruturas e frequências sonoras que levam ao transe. E com toda a tecnologia disponível atualmente através dos *samples* e outros recursos de som, os músicos que compõe transe psicodélico utilizam-se de frequências elevadíssimas que influenciam o estado de consciência e podem ativar todos os *chakras*, elevando conseqüentemente a energia dos que estão entregues ao som.

Stalinsnav Grof utilizou a música sistematicamente no programa de terapia psicodélica com LSD e reconheceu seu potencial para a cura. A música mobiliza emoções associadas a memórias reprimidas, leva-as à superfície e facilita sua expressão. Ajuda a

abrir a porta do inconsciente, intensifica e aprofunda o processo terapêutico e fornece um contexto significativo para a experiência. O contínuo fluxo da música cria uma onda de frequências que ajudam o indivíduo a passar por experiências e impasses difíceis, levando a superar suas próprias defesas psicológicas.

As vibrações da música levam a estados alterados de consciência quando a pessoa deixa de vibrar na frequência habitual da consciência cotidiana, para vibrar na música, e quando todo o corpo se funde na experiência da dança, então o ego da consciência habitual cotidiana é transcendido e a pessoa consegue acessar níveis de percepção e consciência talvez nunca antes alcançados. E para complementar, o uso de substâncias psicoativas potencializa os processos de alteração da consciência, levando os participantes a atingirem campos que envolvem emoções, sentimentos, afetos, ou seja, esferas do ser humano que muitas vezes são esquecidas e reprimidas em uma sociedade que valoriza demasiadamente o lado racional e o mecânico da mente.

Nos festivais de transe psicodélico que acontecem atualmente em todo o mundo, a música é utilizada como um catalisador para a auto-exploração. As experiências profundas guiadas pela música eletrônica envolvem a dança e também o uso de substâncias psicodélicas que servem como “portais” para os estados não comuns de consciência, que hoje são amplamente reprimidos por nossa sociedade. Será porque?

Todas as culturas antigas e pré-industriais mostravam grande interesse pelos estados não comuns de consciência e lhes atribuíam valor como poderosos instrumentos para ligar-se às realidades sagradas, à natureza, e entre si. Também usavam tais estados para identificar doenças e curas. Estados alterados eram também vistos como importantes fontes de inspiração artística e um caminho aberto para a intuição e a percepção extra-sensorial.

Todas as outras culturas gastavam considerável tempo e energia desenvolvendo técnicas de alteração da mente, usando-as com regularidade numa variedade de contextos rituais.

Michael Harner, antropólogo que se submeteu a uma iniciação xamânica na América do Sul, afirmou que, do ponto de vista de uma perspectiva intercultural, a tradicional compreensão ocidental da psique humana é significativamente “etnocêntrica” e “cognocêntrica”, já que os cientistas ocidentais enfocam a sua própria aproximação da realidade, julgando inferiores, ingênuas e primitivas as perspectivas de outras culturas; e consideram suas experiências apenas mediadas pelos cinco sentidos em um estado comum de consciência.

Os estados não comuns de consciência, independente de serem obtidos através da prática de meditação, sessão experimental de psicoterapia, um episódio de espontânea crise psicoespiritual, uma situação de quase-morte, ou a ingestão de alguma substância psicodélica; não faz muita diferença, pois ainda que tais técnicas e experiências possam variar, todas representam caminhos diversos para os profundos territórios da psique humana, áreas inexploradas pela psicologia e ciência tradicional.

A visão tradicional sobre a consciência humana considera esta um subproduto dos processos neurofisiológicos e bioquímicos do cérebro humano. Entretanto, as modernas pesquisas sobre a consciência mostram que tanto a consciência como a psique humana são expressões e reflexos de uma inteligência cósmica que permeia todo o universo e toda a existência. Concordo com Grof quando ele diz que não somos apenas animais muitíssimos evoluídos, com computadores biológicos encaixados em nossos cérebros. Somos também campos ilimitados de consciência transcendendo tempo, espaço, matéria e causalidade linear.

Através de nossa mente podemos transcender tempo e espaço, atravessar fronteiras que nos separam de várias espécies animais, experienciar processos do reino vegetal e do mundo inorgânico e, mesmo, explorar realidades místicas e outras realidades que, antes não saberíamos existir. Podemos descobrir que experiências desse tipo exercerão profunda influência em nossa filosofia de vida e ideologia universal. Sendo assim, torna-se bem possível que as pessoas que entram em contato com tais experiências, não importando se for por meio de um ritual no México com cactos peiote, no Brasil em um ritual do Santo Daime que utiliza Ayahuasca, ou em uma *rave* psicodélica em algum lugar desse imenso Universo; será bem provável que essas pessoas julguem cada vez mais difícil compartilhar do sistema de crença dominante da nossa cultura industrial capitalista e das suposições filosóficas da tradicional ciência ocidental.

A visão de um Universo mecanicista foi ultrapassada e hoje estamos diante de novos paradigmas que nos mostra que somos parte de um imenso Universo Orgânico e auto-regulador. A música “*psychedelic trance*” é orgânica, quando a pessoa se entrega ao transe entra conseqüentemente em contato com o pulsar do próprio coração e com o pulsar da Terra. Essa experiência pode ser transformadora, e gerar múltiplas conseqüências a nível interno e externo. Muitos dos que experimentaram a “expansão de consciência” e despertaram para uma amplitude maior sobre o Universo, perceberam que não se adequavam ao moralismo da igreja católica, e que não eram mais necessários para as classes alta e média, nem como escravos, serviçais ou operários que seguem os padrões mecânicos da sociedade de consumo.

Nesse contexto de transformação e revolta, foram muitos os que decidiram por sua conta, criar um estilo de vida que faz girar sua própria economia. A cultura global do transe psicodélico é um desses modos de vida, que como uma manifestação de arte, move uma

produção musical alternativa (eletrônica e digital), uma criação específica da moda; e estas por sua vez, movem uma produção alternativa de vídeo musical e toda uma série de revistas e jornais a ela associados que sobrevivem nas fronteiras do sistema, através de uma nova classe média informatizada que começa a se desenvolver e se servir da energia criativa como fonte para inovações que se somam e atinge transações em escala global.

O “*psychedelic trance*” é um som característico da cibercultura¹⁵, pois seu desenvolvimento e expansão são frutos de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), e com os temas de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações correntes ligadas à emergência do ciberespaço. Esse estilo musical alternativo, disponibilizado na rede, em simultaneidade com todos os tipos de informações a ele associados – multimídias, arte psicodélica e visionária, psicodélicos, xamanismo e outras religiões ancestrais, etc - atingem uma certa forma de universalidade que interliga arte, ciência, cultura e espiritualidade.

As festas e os festivais de transe psicodélico que acontecem atualmente no mundo todo expõem a força do renascimento psicodélico como manifestação social do mundo contemporâneo. Como colocou Carneiro, o renascimento psicodélico atual, com a busca de estados alterados de consciência não se restringe à revalorização dada pela cultura das *raves*, mas também se expressa numa intensa atividade editorial e na articulação através da Internet, que dá espaço a círculos de investigação e ao debate sobre tais substâncias. Além

¹⁵ O movimento global do transe psicodélico está diretamente associado ao desenvolvimento do “ciberespaço” e da “cibercultura”. O primeiro neologismo refere-se à rede, que segundo Levy, é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, incluindo não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto à “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

disso, as diversas formas de uso de psicodélicos tem se constituído como um campo original de conhecimento e de produção cultural, onde a psicologia, a farmácia, a medicina, a história, a literatura e a antropologia se uniram para buscar compreender o papel das plantas e dos sintéticos produtores de estados de êxtase e que tiveram um papel histórico determinante como produtores de grande valor, comercial, religioso e cultural.

Através da história foi descoberto que a maioria das cerimônias religiosas entre várias sociedades primitivas e não tão primitivas envolviam o uso de substâncias psicoativas extraídas de plantas consideradas sagradas, pois serviam como portais para o mundo espiritual. Nos rituais antigos, o uso das plantas não revelava um desvio da realidade, mas sim uma autêntica realidade que em um estado de consciência normal permanecia oculta. Entre as mais notáveis substâncias psicoativas que emergiram da treva do ritual mágico durante a ilustração química do século XIX estavam:

O *cannabis* (cânhamo, *bhang*, *marijuana*, machonha, etc) que era conhecido dos antigos chineses, indianos e persas, e é mencionado na literatura religiosa grega e assíria de 1000 a. C. Na religião hindu, o *cannabis*, considerado como uma planta sagrada trazida do oceano pelo deus *Shiva*, foi usado como adjunto a meditação religiosa.

O peiote, um cacto encontrado no México e no Sudoeste dos Estados Unidos, era usado, séculos antes da conquista espanhola do México, pelos astecas e outros índios mexicanos, assim como por várias tribos de índios americanos, entre as quais os Apaches, os Kiowas e os Comanches. O peiote era parte integrante da vida religiosa e espiritual das várias culturas e tribos. Hoje, a Igreja Nativa Americana, predominantemente uma igreja de índios, que ainda usa o peiote como parte importante de seus ritos, embora o credo seja definitivamente cristão. Os botânicos descobriram o peiote em 1892, depois que amostras da planta foram levadas a laboratório e sintetizadas na mescalina.

Outra substância pré-colombiana é o cogumelo sagrado do México (*Psilocybe mexicana*), que também eram usados como sacramento nas cerimônias religiosas, e atribuíam-se ao cogumelo sagrado poderes divinatórios e proféticos. Para os Astecas, os cogumelos sagrados eram Teonanacatl, corpo de Deus, e havia penalidades graves para aqueles que gozassem de suas maravilhas sem razões religiosas ou rituais. As várias propriedades do cogumelo sagrado foram descobertas, em 1953, por um botânico amador Gordon Wasson numa viagem ao México em busca de novas espécies de cogumelos. Em meados da década de 1950, isolou-se um dos alcalóides ativos do cogumelo sagrado, que foi chamado *psilocibin*.

E para finalizar, sem pretensões de esgotar o tema, observo o crescimento global do uso da Ayahuasca, um chá feito do cozimento de plantas trepadeiras da região amazônica (o iajé da *Haemadictyon amazenicum*, e o caapi, da *Banisteria caapi*) que era utilizado pelos índios e posteriormente pelos seringueiros. Atualmente o chá Ayahuasca é utilizado principalmente em rituais religiosos do Santo Daime, da União do Vegetal, e da Barquinha no Brasil e em muitos outros países. Atualmente, essas substâncias citadas acima são freqüentemente utilizadas nas *raves* psicodélicas.

Antigamente essas substâncias conhecidas tanto como “alucinógenos¹⁶”, “psicodélicos¹⁷” ou “enteógenos¹⁸” eram utilizadas naturalmente. No entanto, a resposta política do Ocidente à demanda pelas chaves vegetais e químicas da consciência foi negativa, e reina até hoje através do proibicionismo, iniciado sobre a égide da Igreja

¹⁶ O termo “alucinógeno” corresponde à pesquisa científica oficial dos anos 30 a 50, e é o termo considerado científico para descrever em termos farmacológicos os efeitos de uma gama de substâncias que vão da maconha ao *LSD*.

¹⁷ O termo “psicodélico” foi criado pelo psiquiatra Humphry Osmond, em 1953, para designar “algo com a capacidade de ampliar ou manifestar a mente”. Esse foi o termo adotado pelo movimento político-cultural dos anos sessenta.

¹⁸ O termo “enteógeno” foi proposto em 1978 pelo investigador Gordon Wasson e outros para referir-se às plantas que têm sido usadas como instrumentos sagrados de êxtase.

Católica, e mais tarde passado ao poder da medicina em associação com as leis do estado que buscam controlar os seres humanos.

Como podemos observar, os rituais antigos geralmente envolviam determinado grupo, tribo, ou clã, que mantinha relação com um tipo principal de substância psicoativa específica utilizada nos rituais. Já no mundo contemporâneo, as *raves* de transe psicodélico são manifestações rituais que refletem a era planetária, pois são acontecimentos coletivos que não estão mais limitados a um espaço restrito, ou a um grupo cultural único, mas refletem o encontro de um coletivo que transpõe as barreiras da religião, da cultura, e do espaço, e envolvem a arte ao uso das mais variadas substâncias psicoativas disponíveis em todo o planeta.

Concluindo, as *raves* psicodélicas esta atraindo cada vez mais pessoas e gerando por outro lado campos de repressão a esse movimento. Em uma entrevista realizada com um curador e músico de quarenta e três anos, que desenvolveu uma oficina de música instrumental no Festival *Trancendence*, suas colocações foram bastante pertinentes, motivo pelo qual irei finalizar através de suas reflexões:

“Vou falar um pouco da minha experiência com o *trance*: o contato com os festivais trouxe muitas experiências novas. No início, eu tive uma dificuldade, porque eu não tenho assim uma experiência com droga, mas eu danço, e o êxtase da dança é sagrado para mim. Então, eu aprendi a ter a experiência da entrega com a dança. E percebi que a única coisa que você pode fazer é se entregar, pois não adianta tentar entender a experiência. E foi surgindo um aprendizado, fui aprendendo coisas que realmente foram novas para mim, adentrando em um espaço muito desconhecido e lindo.

Minha vida começou com a meditação do Buda. A prática da meditação faz você dar um salto de quilômetros no sentido contrário ao estado negativo em que o mundo vive. Hoje com vinte anos de meditação, tenho clareza que através do *trance* eu comecei a perceber uma outra coisa nesse planeta que eu não tinha percebido. O *trance* é uma coisa muito colorida, é como estar num jardim, está tudo florido (risos), tem

passarinho, tem rio, tem montanhas, tem cachoeira, tem gente dançando, tem arte, tem todas as cores, tem música....é bonito, é fascinante. Então, eu comecei a perceber no meio das cidades, do deserto, um jardim colorido. É como quando a criança fala: “quero ir ao parque de diversão”, sabe, aquilo é uma coisa fascinante e estimulante, é um chamado sem palavras.

Na verdade não é um convite do *Trance*. É um convite das pessoas do mundo que sabem que as linhas do mapa não separam o Planeta em várias partes. Porque é justamente essa sensação que existe. Você tem pessoas do mundo inteiro juntas, dançando, felizes, trocando idéias e querendo que o Planeta se torne a coisa mais linda do mundo. Pessoas fortes, que sabem o que estão dizendo. São em sua maioria pessoas que estudam, muitos xamãs, muitos curadores. Então, o fenômeno *trance* é um fenômeno da energia do AMOR. Porque não é como você abrir um jornal ou revista, mesmo que você pegue num folder de divulgação que te indique como chegar até lá, o que está disponível é uma CELEBRAÇÃO.

E nessa celebração, a música trance traz algo muito interessante: quando você se entrega à música e dança, você entra realmente no êxtase, naquilo que você vai além do mundo físico, do mental, do emocional, e atinge o espiritual. Você vai atravessando internamente a sua experiência. Passa por dentro da sua experiência de estar vivendo, de estar VIVO! E às vezes o DJ quebra e muda completamente o som....para e a música entra em uma direção completamente diferente, e isso traz agente para o momento presente, traz de volta. Então, o trance acrescentou aquilo que tava faltando na música, no minimalismo para mim. Que é você lembrar que o transe é uma experiência que acorda muitas sensações da nossa infância, do nosso passado, às vezes experiências dolorosas que tentamos esquecer. Então, o *Trance* nos lembra que agente pode usar isso a nosso favor para nossa própria autocura. Então é aí que pode estar também o perigo. Você pode ficar muito aberto, expor as feridas para fora, às vezes não saber como trabalhar e lidar com aquilo. Por isso a união grupal é tão importante, pois serve como um suporte para as experiências.

Mas, dentro dos festivais agora da maneira como estão acontecendo, estão abrindo espaço para a meditação, porque o movimento sonoro precisa de um descanso. E eu acho que é fascinante, o fato dos festivais proporcionarem esse espaço. E também o fato da própria música ter suas paradas e trazer a pessoa para o momento presente, para a consciência, esse momento é muito importante. É fundamental o espaço de relaxamento, porque se você move, move, move a energia do seu corpo, e não senta em silêncio para integrar essas experiências, fica tudo misturado, sem clareza. É como a água do rio estar suja porque você atravessou

o rio, daí a pouco a água assenta de novo no fundo e a água fica clara de novo. E é a mesma coisa com nosso sistema de bioenergia, você cria uma carga de energia, move, faz circular, e depois é necessário o não-movimento, para que assente tudo no fundo e a clareza venha. Então, move todo o material, no caso das pessoas que usam as “drogas” pode mover de uma maneira muito profunda, pode ser uma experiência boa e também pode ser uma experiência difícil.

Seria muito legal se fosse livre a disponibilidade de poder estar crescendo usando as substâncias psicodélicas e fazendo uma experiência de autoconhecimento em uma festa de trance. Porque nesse espaço você tem a oportunidade de fazer a sua experiência, entrar na sua dança e silenciar depois, pois nesse ambiente existe um campo de energia, e também existe o inconsciente coletivo muito forte e simbólico. Enquanto em nossa sociedade, geralmente o inconsciente coletivo tende a massificar um pouco nossa vida e maneira de viver.

Na última festa eu ganhei um *ecstasy*, e fui iniciada por uma amiga, foi uma experiência maravilhosa que no entanto já conhecia através da meditação. Acredito que por um lado é bom o uso dessas substâncias associado à música e à dança, porque é possível entrar direto em uma experiência sem precisar esperar anos para conseguir entrar. E considerando-se que as pessoas que estão vindo às festas são pessoas que geralmente estão aprendendo a bater as suas asas na espiritualidade cria-se um campo de energia muito positivo que poderá transformar até mesmo as pessoas que chegam até esse ambiente sem nenhuma consciência a respeito de si mesma.

Essas substâncias fazem abrir uma janela enorme para que você veja o céu, mas você pode atingi-lo sem as mesmas, pois possuímos nossos próprios recursos internos para isso, como por exemplo a meditação dinâmica, que possibilita a pessoa a se limpar, a entrar em uma experiência de êxtase com a respiração e o movimento, sem usar nenhum artifício, as pessoas podem descobrir que tem em mãos uma ferramenta incrível, a própria consciência, que é infinita, e como se mover na direção da consciência.

O trance ajuda a romper barreiras da própria consciência. Nos festivais existem pessoas que também estão interessadas em investir na velha maneira de viver. É aquela polícia que estava colocando a arma na cabeça das pessoas porque elas estavam fumando um ‘baseado’, ou os traficantes que levam um monte de drogas para vender e vender e vender, ou mesmo os jovens inconscientes que estão lá apenas repetindo padrões de consumo associados à busca de prazer. Mas existem também as outras pessoas, que já tem a

transparência com essa experiência de êxtase, e estão conectadas internamente com o Amor de Deus. Essas pessoas já têm a abertura com o Universo, de reconhecer esse fenômeno como uma coisa que não existe alguém que tenha que autorizar ou não autorizar para que aconteça. Mas no mundo as coisas estão ficando de uma forma diferente, as pessoas buscam cada vez mais o controle e o poder. Então, assim como existe essa força que vai crescendo para levar para o inconsciente e massificar mais uma vez alguma coisa, existem as pessoas que estão se descobrindo, e reconhecendo sua missão nesse Planeta, como você, que com essa pesquisa vai clareando o caminho, e tirando esse fenômeno da escuridão, pois à medida que você fala abertamente sobre isso, o fenômeno vai ganhando luz, torna-se iluminado! É impressionante, porque somos nós mesmos, o próprio inconsciente coletivo que cria a escuridão e a sombra. Se observarmos, cada dia é um dia completamente novo quando você pede licença a sua mente repetitiva e habituada a padrões e se permite renascer a cada dia. E é essa a experiência que o êxtase traz, nos dissolve em um Universo enorme que está completamente disponível para gente, a Todo momento.”

*agradecimento especial aos que cooperaram com as entrevistas e ao amigo Daniel (IX) que impulsionou reflexões multidimensionais sobre o tema.

BIBLIOGRAFIA:

- CARNEIRO, Henrique. **A odisséia Psiconáutica: a história de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas.** In, site: www.neip.info
- CARNEIRO, Henrique. **Filtros Mezinhas e Triacas: As drogas no mundo moderno.** Ed. Xamã. São Paulo, 1994.
- CARNEIRO, Henrique. **A Igreja, a Medicina e o Amor: Prédicas Moralistas da Época Moderna em Portugal e no Brasil.** Editora Xamã. São Paulo, 2000.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito;** com Bill Moyers. Org. por Bett Sue Flowers. Tradução De Carlos Felipe Moisés. Editora Palas Athena. São Paulo, 1990.
- ESCOHOTADO, Antonio. **Historia de las Drogas 3.** 7ª edição, Alianza Editorial S.A., Madrid, 1998.
- GROF, Stanislav. **A Mente Holotrópica: novos conhecimentos sobre psicologia e**

- pesquisa da Consciência**/ com Halzina Bennett. Tradução de Wanda de Oliveira Roselli; consultoria Da coleção, Alzira M. Cohen. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GROF, Stanislav. **Além do Cérebro: nascimento, morte e transcendência em psicoterapia**. Tradução Wanda de Oliveira Roselli; revisão técnica Doucy Douek, Vicente Galvão Parizi. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1987.
- GROF, Stanislav. **Psicologia do Futuro, lições das pesquisas modernas da consciência**. Tradução de Jussara de Avellar Serpa; revisão técnica de Kiu Eckstein. Niterói, RJ: Heresis, 2000.
- GRUND, Jean-Paul Cornelis. **Drug Use as a Social Ritual: Functionality, Symbolism and Determinants of Self-Regulation**. Rotterdam, 1993.
- JOURDAIN, Robert. **Música, Cérebro e Êxtase: Como a música captura nossa imaginação**. Tradução Sonia Coutinho. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 1998.
- JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Edição especial brasileira. Editora Nova Fronteira. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro, 1964.
- HOWELL, Alice O. **O simbolismo Junguiano na Astrologia**. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo, Editora Pensamento, 1987.
- CASHMAN, John. **LSD** (*The LSD Story*). Tradução: Miriam Schnaiderman; Revisão: Alberto Guzik e Geraldo Gerson de Souza; Produção: Plínio Martins Filho. São Paulo, Editora Perspectiva. (Coleção Debates/ Psicologia)
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- VITEBSKY, Piers. Los Chamanes: **El Viaje Del Alma Fuerzas y Poderes Mágicos Éxtasis y Curación**. (Culturas de la Sabiduría). Traducción Del Inglés: Mónica Rubio. Ducan Baird Publishers, 2001.
- THOMPSON, Willian Irwin (Organizador). **Gaia: uma teoria do conhecimento**. Tradução Sílvio Cerqueira Leite. 3ª edição. São Paulo: Gaia, 2001.